



Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Em defesa do direito de imaginar: a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo

In defense of the right to imagine: imagination as a political tool of agency in afrofuturism

Cairo Henrique dos Santos Lima¹

Resumo: Qual é a relação entre a imaginação de futuros e a diáspora africana? Muitos movimentos artísticos, linguagens estéticas e projetos políticos do universo cultural da diáspora africana articulam a imaginação como uma propriedade crítica e criativa para a elaboração de perspectivas alternativas de futuro focadas na experiência social negra. Neste contexto, o afrofuturismo possui um lugar de destaque, por suas contribuições estratégicas às formas de organização e mobilização de agência negra e pela criação de epistemologias críticas à modernidade, apoiadas em temporalidades não-lineares que tensionam múltiplas abordagens afrodiáspóricas. Neste artigo, partimos dos Estudos Culturais para discutir os significados e os pressupostos conceituais do afrofuturismo, apontando para o valor político da imaginação como uma ferramenta de agência.

Palavras-chave: Afrofuturismo. Diáspora Africana. Representações Culturais. Agência Criativa Negra. Imaginação.

Abstract: What is the relationship between the imagination of futures and the African diaspora? Many artistic movements, aesthetic languages and political projects in the cultural universe of the African diaspora articulate imagination as a critical and creative property for the elaboration of alternative perspectives of the future focused on the black social experience. In this context, Afrofuturism has a prominent place, due to its strategic contributions to forms of organization and mobilization of agency and for the creation of epistemologies critical to modernity, supported by non-linear temporalities that tension multiple Afrodiásporic approaches. In this article, we draw on Cultural Studies to discuss the meanings and conceptual assumptions of Afrofuturism, pointing to the political value of imagination as a tool of agency.

Keywords: Afrofuturism. African Diaspora. Cultural Representations. Black Creative agency. Imagination.

¹ Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, com bolsa de pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP. ORCID: [0000-0001-9874-8452](#) - E-mail: cairo@estudante.ufscar.br.



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

Introdução

Qual é a relação entre a imaginação de futuros e a diáspora africana? A prática estético-política de imaginar futuros atravessa e constitui o afrofuturismo, que aparece de múltiplas formas ao longo de quase duzentos anos da produção afrodiáspórica². Ao retornar ao arquivo histórico da modernidade para reler sua narrativa sobre o lugar da diáspora africana e de suas formações culturais, encontramos um projeto político que interliga inúmeras obras de arte, um projeto que cria temporalidades outras, por meio de linguagens estéticas híbridas, no revés dos regimes de representação cultural hegemônicos da modernidade (Hall, 2016a, p. 30). A busca por uma reinterpretação das premissas modernas e pela elaboração de alternativas ao modelo centrado de sujeito e aos modos de pensamento e de ação fixados pelo eurocentrismo, caracteriza as trajetórias de luta e resistência dos sujeitos afrodiáspóricos, em que a agência criativa negra se relaciona com o projeto afrofuturista, voltado a criar perspectivas de futuro desde outras concepções de tempo (Mombaça, 2020, p. 6; Silvério, 2022, p. 45).

O diálogo crítico dos sujeitos da diáspora com as premissas da temporalidade moderna como a linearidade, o progresso e a universalização, é estabelecido através das artes, sendo mediado pela linguagem estética do afrofuturismo, que, ao refletir a experiência social dos sujeitos, lhes fornece os elementos para formular respostas à sensação de desencaixe provocada pela temporalidade moderna. O questionamento dos afrofuturistas em torno da perspectiva moderno-colonial é fundado na crítica ao eurocentrismo, que designa significados primitivos para as culturas não européias, situando-as no passado de uma narrativa civilizacional. Nesse sentido, os sujeitos cujas obras artísticas vieram a ser lidas como afrofuturistas incorporaram as experiências, memórias e saberes da diáspora africana para a criação de horizontes alternativos de expectativa (Hooks, 2018, p. 70), bem como, de visões de mundo e modos de vida nos

² O artigo em questão resulta das atividades de pesquisa desenvolvidas durante o mestrado em Sociologia, cursado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, através do processo 2023/17994-0.



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

quais o desencaixe quanto às premissas da modernidade é ressignificado como um traço constitutivo do afrofuturismo, e, de modo geral, das artes da diáspora africana.

Ao articular sua agência para criar projetos de futuro, sujeitos negros como Frederick Douglass e W.E.B. Du Bois, nos Estados Unidos, ou Machado de Assis e Lima Barreto, no Brasil, estabeleceram, a partir da virada do século XIX, um circuito de produção estética que se fortaleceu ao longo do século XX, alcançando o nível global no século XXI (Dery, 2020a, p. 15). Artistas como a atriz e cantora estadunidense Janelle Monáe e a cantora brasileira Ellen Oléria, representam o afrofuturismo contemporâneo e sua tendência de desprendimento das narrativas nacionais e redirecionamento ao contexto transnacional da diáspora africana (Nelson, 2020, p. 66).

Apesar do “renascimento” do afrofuturismo na indústria cultural no século XXI, e de sua popularização global, o mesmo deve ser visto como um projeto político que interliga as críticas sociais e as identidades estéticas de múltiplos artistas da diáspora africana, no mínimo desde o final do século XIX. Ao longo do tempo, as manifestações do afrofuturismo variam entre diferentes estratégias de representação, ora a partir do afrocentrismo, ora de uma perspectiva antiessencialista. Entretanto, tais contradições podem ser vistas como parte da força política do afrofuturismo e como um sinal de alinhamento com as experiências sociais fragmentárias e descontínuas dos sujeitos da diáspora. O entrecruzamento de discursos de pertencimento e identidades coletivas é fundamental no afrofuturismo e a análise deste emaranhamento leva a compreendê-lo.

O modo como elementos da retórica tecno-científica da modernidade revestem as culturas afrodiáspóricas de sentidos especulativos e/ou futuristas produz muitas transformações e incertezas (Freitas & Messias, 2018, p. 403) às quais podemos responder por meio da análise sociológica do afrofuturismo, compreendido como um movimento que surge no interior das formações culturais da diáspora. Entendemos a diáspora africana simultaneamente como um processo histórico, uma condição social, um espaço geopolítico e um discurso político (Zeleza, 2005, p. 579), mas também, como um conjunto de metodologias e epistemologias vinculadas ao descentramento da narrativa colonial da modernidade dominante no ocidente (Medeiros, 2023, p. 349).



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

A partir dessa linha de pensamento, o afrofuturismo não deve ser concebido apenas como um conjunto de manifestações artísticas, mas também como expressão da agência criativa negra, isto é, uma forma de ação, resistência e intervenção baseada em estratégias culturais, políticas e intelectuais para uma articulação transnacional e/ou global de agência (Burocco, 2019, p. 50; Silvério, *Et. Al*, 2020, p. 879). A constante mobilidade da diáspora africana, que marca a formação histórica do afrofuturismo, apresenta muitas peculiaridades que influenciam o processo de sua investigação, exigindo a reinvenção da narrativa cronológica e o distanciamento de formas lineares e estáveis de representação (Eshun, 2015, p. 45).

O surgimento do afrofuturismo não obedece convenções históricas cronológicas e de continuidade temporal, isto é, as manifestações da estética afrofuturista, ao longo do tempo, são descontínuas e não-lineares, iniciando-se ainda no século XIX, para ser, de fato formulada e definida como tal, na década de 1990, através do texto *Black to the Future* (Dery, 2020a, p. 14). Em suma, para compreender a formação do afrofuturismo em termos de processos sociais, é necessário reagrupar fragmentos de representação dispersos ao longo de décadas, para então compreender seus significados transitórios, ao modo da própria diáspora, cuja lógica descentralizadora pode ser percebida desde a estrutura conceitual do afrofuturismo. As disputas travadas pelos afrofuturistas e inspiradas por essa transitoriedade, incidem no plano simbólico, voltando-se à cultura como espaço de representação e reconhecimento no qual significados são rasurados, entrelaçados ou sobreescritos, com vistas à elaboração de críticas, seja em termos da tentativa de transfiguração do imaginário social ou do avanço de disputas políticas pela satisfação de necessidades (Gilroy, 2012, p. 97).

Elementos fundamentais do afrofuturismo

“Afrifuturismo”, mais do que um neologismo cunhado por Mark Dery em 1994, é um conceito utilizado para caracterizar a tendência de hibridação cultural entre a ficção científica, as mitologias históricas africanas e os cenários distópicos futuristas, consolidada no campo das artes afrodiáspóricas, sobretudo, entre as décadas de 1980 e 1990 (Dery, 2020b, p. 187). Em seu artigo *Black to the future* (1994) – uma entrevista com



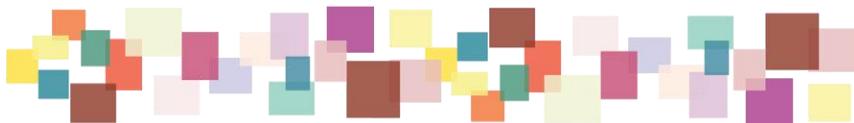
**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

os escritores Samuel Delany, Greg Tate e Tricia Rose (Dery, 2020a, p. 15) – Mark Dery procura nomear este movimento já consolidado mas em vias de reconhecimento na indústria cultural e na opinião pública nos circuitos contemporâneos de consumo e de trocas culturais globais.

O afrofuturismo representa um conjunto de perspectivas de futuro baseadas na experiência social, histórica, cultural e política dos sujeitos e das populações africanas, afrodiáspóricas e/ou afro-brasileiras (Freitas, 2015, p. 6-7). Pode-se afirmar que o afrofuturismo “está na moda”, sobretudo, em vista da popularidade alcançada pelo filme *Black Panther* (2018), dirigido por Ryan Coogler e produzido pela *Marvel Studios* (Dias & Rodrigues, 2021, p. 275), obra que foi responsável por atrair atenção global para obras afrofuturistas pré-existentes, levando ao surgimento de projetos artísticos interligados pelo afrofuturismo em múltiplos segmentos de produção cultural e em diferentes regiões do mundo.

O termo “afrofuturismo” carrega um desafio ao imaginário social, evidenciando que, até então, pensava-se o futurismo, isto é, a idealização e realização de projetos de futuro, como, a priori, desvinculado do prefixo “afro”, bem como dos sujeitos e das populações a que se refere, tidos, na narrativa eurocêntrica, como opositos a um futuro imaginado como moderno, que lhes situava em um passado primitivo (Nelson, 2020, p. 75). A ideia de que sujeitos afrodiáspóricos e suas experiências não pertencem ou não se encaixam dentro dos projetos de futuro da narrativa de civilização ocidental é explorada à exaustão pelo afrofuturismo, que busca representar as experiências de estranhamento subjetivo e desencaixe social compartilhadas por tais sujeitos, através de esquemas ambivalentes e formas híbridas de representação cultural.

A hibridação, nesse contexto, representa a flexibilização e ressignificação da ideia de fronteiras culturais, bem como uma transformação de conjuntos sociais e de processos culturais, na direção de sua desterritorialização (Canclini, 2019, p. 33). O tipo de configuração social descentrada, descontínua e/ou rizomática que compõe as formações culturais afrodiáspóricas, em termos de uma rede de relações estabelecida no nível das experiências sociais, constitui um dos principais lastros históricos do afrofuturismo. Além disso, o mesmo pode ser visto como síntese do potencial crítico de manifestações



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

artísticas contemporâneas surgidas na incorporação de contribuições da diáspora africana no mundo das artes.

O afrofuturismo possui uma localização histórica instável, indefinida, construída a partir de percursos entre muitos fundamentos estéticos, culturais e epistemológicos distintos e, por vezes, opostos, que se reúnem em um esquema de desenvolvimento histórico não-cronológico (Eshun, 2015, p. 58). Enquanto movimento social coletivo, o afrofuturismo atravessa todo o século XX - e mesmo algumas décadas do século XIX - abarcando as obras de artistas de diferentes nichos, que utilizam linguagens, recursos e estilos variados, na música, cinema, literatura, pintura, dança, teatro, dentre outros segmentos (Anderson, 2016, p. 233). Dentre as obras afrofuturistas responsáveis pelo avanço do protagonismo negro nos regimes hegemônicos de representação, destacamos, nos Estados Unidos, trabalhos de artistas como Frederick Douglass, W.E.B. Du Bois, Ralph Ellison, Sun Ra, Octavia Butler, Herbie Hancock, Lee "Scratch" Perry, Funkadelic-Parliament, Afrika Bambaataa, Erykah Badu, Outkast, Kanye West, Janelle Monáe, entre outros. Enquanto no Brasil, a partir da intensificação das trocas culturais afrodiáspóricas em articulações transnacionais, destacamos o papel relevante de obras afrofuturistas de artistas como Machado de Assis, Abdias do Nascimento, Elza Soares, Gilberto Gil, Jorge Ben, Itamar Assumpção, Chico Science & Nação Zumbi, Ellen Oléria, BaianaSystem, Baco Exu do Blues, Amaro Freitas, entre outros.

Como muitos dos movimentos artísticos afrodiáspóricos, o afrofuturismo não pode ser definido de modo sólido, permanente ou imutável, pois a disputa por sua significação é um dos aspectos fundamentais da posição do mesmo no âmbito artístico e político. Entretanto, existem discussões teóricas que procuram fixar uma definição para o movimento - sempre de modo provisório - seja em âmbito global ou nacional. Mark Dery (2020a) é um dos primeiros autores preocupados em produzir não apenas uma interpretação sistemática, mas a classificação técnica e histórica do afrofuturismo. Como crítico cultural, Mark Dery cunha o neologismo “afrofuturismo” e sua definição inicial nos anos 1990, referente a uma diversidade de “[...] ficções especulativas que tratam de temas afro-americanos”, que abordam “[...] preocupações afro-americanas no contexto da tecnocultura do século XX” (Dery, 2020a, p. 16).



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

Em seu artigo *Astrofuturism Reloaded* (2016), Mark Dery revitaliza sua análise inicial do afrofuturismo, esboçada em *Black to the Future* (1994). Para o autor, além de um conceito “para teorizar a ficção distópica que é a vida dos negros na América”, o afrofuturismo seria a “[...] política radical de se relembrar de um passado desmembrado e inscrever a si mesmo em um futuro como negro” (Dery, 2020b, p. 187). Apesar da imprecisão perceptível nas primeiras definições, Mark Dery fornece uma perspectiva relevante sobre a amplitude do movimento afrofuturista no mundo, levando em conta as semelhanças entre obras oriundas de diferentes contextos sociais, em detrimento da articulação unilateral do afrocentrismo como elemento fundamental do afrofuturismo (Ain-Zaila, 2019, p. 13; Kabral, 2019, p. 108). Tal posição leva em conta, sobretudo, experiências compartilhadas na diáspora africana enquanto meio de reposicionamento do negro como sujeito de seu próprio saber (Burocco, 2019, p. 53), realizando um distanciamento de operações exógenas de classificação das experiências negras desde a matriz eurocêntrica de pensamento, e de estratégias opositivas ou reativas, ancoradas unilateralmente no afrocentrismo como principal lastro da crítica política e histórica que estrutura o afrofuturismo.

Para a crítica e curadora brasileira Kênia Freitas (2015), o afrofuturismo pode ser compreendido enquanto um movimento artístico e político que “[...] com base na ficção científica e no realismo fantástico, aborda a condição afrodescendente” (Freitas, 2015, p. 3-5). Tal definição se aproxima daquela que é oferecida por Mark Dery devido à amplitude conceitual pretendida, que permite apreender influências do afrofuturismo como proposta estética, mesmo em obras que extrapolam a perspectiva afrocêntrica ao levar em conta outros modos de identificação étnico-racial, as quais complexificam o critério de autoria e protagonismo negro no afrofuturismo (Kabral, 2019, p. 106) - como no filme *Branco Sai, Preto Fica* (2015), cuja origem estética e política não pode ser considerada negra (Hirano, 2015, p. 220).

No contexto da disputa em torno do significado de afrofuturismo, do mesmo modo que se apresentam propostas conceituais abrangentes e antiessencialistas, há outras propostas circunscritas por pressupostos mais específicos, que, de diferentes modos, no Brasil e nos Estados Unidos, são fundamentadas a partir das experiências sócio-culturais



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

de sujeitos e de populações negras (Dias & Rodrigues, 2021, p. 289). O afrocentrismo pode ser visto, nesse caso, como um projeto político de reafirmação das contribuições africanas que foram desconsideradas na gênese cultural das sociedades modernas, e também como meio de representação e transfiguração estrategicamente essencialista, voltado a operações de crítica e de reconstrução de narrativas, imagens, símbolos e de significados atribuídos às culturas e à história africana e afrodiáspórica (Gilroy, 2012, p. 94; Lima, 2019, p. 4).

Um dos artistas que protagonizam a recepção e a tradução do afrofuturismo no Brasil contemporaneamente é Fábio Kabral (2019), autor de livros afrofuturistas, como *O Caçador Cibernetico da Rua 13* (2017), que contribui para o fortalecimento de um debate intelectual sobre afrofuturismo no Brasil. Para Fábio Kabral, o afrofuturismo é lido como a “[...] mescla entre mitologias e tradições africanas com narrativas de fantasia e ficção científica, com um necessário protagonismo de personagens e autores negras e negros” (Kabral, 2019, p. 106). A função do afrofuturismo, para artistas como Kabral, é a de “[...] resgatar a identidade e a ancestralidade perdida, criando um novo futuro para transformar um presente imposto e mudar um passado negado e deturpado” (Kabral, 2019, p. 107), ou seja, busca-se a desconstrução das imagens essencializadas da cultura e da história dos povos africanos, reposicionando-os como precursores de uma tradição científica, filosófica e tecnológica ancestral, capaz de renovar as referências contemporâneas de identificação étnico-racial dos sujeitos negros em diáspora.

De modo geral, artistas como Kabral aproximam a definição de afrofuturismo da posição afrocêntrica. Também é o caso da poeta e escritora Walidah Imarisha (2020), que vincula o afrofuturismo mais diretamente com lutas políticas da diáspora africana, isto é, com as experiências históricas de libertação, resistência e sobrevivência. Para a autora, o afrofuturismo aponta uma verdade óbvia para os sujeitos afrodiáspóricos, “estamos vivendo uma ficção científica” (Imarisha, 2020, p. 256). Em outras palavras,

Somos os sonhos das gentes pretas escravizadas, a quem foi dito que seria irrealista imaginar um dia em que elas não seriam chamadas propriedades. Essas pessoas pretas se recusaram a confinar seus sonhos ao realismo, e em vez disso elas nos sonharam. Assim, elas curvaram a realidade, reformularam o mundo, para criar-nos (Imarisha, 2020, p. 257).



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

Esta descrição de Imarisha (2020) estabelece um paralelo entre os significados subjetivos atribuídos à criação artística no afrofuturismo e a tradição dos Estudos da diáspora africana, orientada, sobretudo, por uma análise social que enfatiza o domínio da experiência e suas vinculações com redes de memória mais amplas, reproduzidas e remodeladas por práticas de representação atravessadas por processos de hibridação cultural (Hall, 2016a, p. 30). Ademais, com base nas definições que elencamos, outros aspectos constitutivos do afrofuturismo podem ser enfatizados.

Por um lado, o afrofuturismo pode ser relacionado ao uso da ficção especulativa, como estratégia para realização de projetos de futuro, entendidos como a criação de perspectivas de acesso a “espaços sociais alternativos”, e, por conseguinte, a “destinos alternativos” (Lima, 2019, p. 21). Por outro, a partir da vinculação explícita entre arte e política, o afrofuturismo articula formas coletivas de agência negra, tensionando todas as contradições sociais, estéticas e epistemológicas entre o passado e o futuro, entre a modernidade e a tradição (Freitas & Messias, 2018, p. 415), a fim de criar um projeto de futuro alternativo, inspirado pelas visões de mundo afrodiáspóricas.

Essencialismo e antiessencialismo: o tempo como zona de disputa epistemológica

Tomando o tempo como dimensão primeva de suas disputas estéticas e políticas, o afrofuturismo traz à tona diferentes entendimentos de identificação e representação cultural, utilizados em estratégias de reconfiguração do imaginário social, com vistas a denunciar a falácia filosófica da inferioridade cultural do negro. Porém, tal crítica pode ser articulada de múltiplas formas, que se interrelacionam e diferenciam mutuamente, fornecendo um espectro variado de alternativas para construir o afrofuturismo como um ponto de força dentro do campo da produção artística e cultural. Tais disputas se dão em uma zona comum, que é o próprio tempo. Nesse sentido, o tempo é tanto a via de condenação das culturas africanas e afrodiáspóricas a um passado estático, desde um pensamento eurocentrado, quanto sua saída para um projeto de futuro que dissipá estereótipos, fetiches e generalizações, desde um pensamento afrocentrado.

O tempo é a dimensão em que essências são construídas e desconstruídas ao redor do afrofuturismo, dito de outra forma, no tempo do afrofuturo, essencialismo e

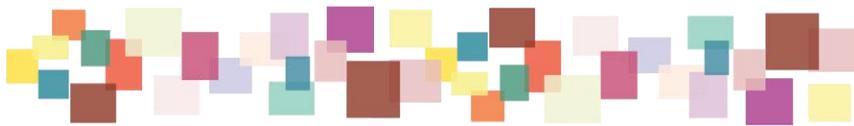


**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

antiessencialismo se articulam, dando voz tanto a perspectivas opositivas, que reforçam a cultura e a história afrodiáspórica como sistemas de referência únicos, capazes de sobrepujar as formas eurocêntricas de pensamento e de ação, quanto a perspectivas não-binárias, que enfatizam o “espaço da diáspora” (Brah, 2022, p. 125) como zona de disputa estético-política, abrindo o significante negro às diferenças que se constituem nas rotas do afrofuturismo. Ambas as perspectivas não se separam e dizem respeito a instrumentos complementares de crítica e criação, reunidos no intervalo do décalage (Edwards, 2001, p. 70), isto é, na discrepância e/ou na divergência que formula uma historiografia adequada à diáspora, atenta à articulação de diferenças e semelhanças.

Os deslizamentos constantes entre essencialismo e antiessencialismo permitem que múltiplas estratégias de identificação e representação dialoguem, e, nesse contexto, questões como o etnocentrismo reaparecem, sendo balizadas estrategicamente para problematizar a própria epistemologia em que se enraízam tais estratégias. Em obras afrofuturistas, as imagens essencializadas da cultura africana e afrodiáspórica são, em geral, questionadas, quando tais imagens derivam das perspectivas eurocêntricas que afrontam a matriz cultural afrodiáspórica, mas, também podem ser positivadas, em operações de ressignificação e rasura de significados, ao reler tais imagens na chave afrocêntrica, de modo a lhes conceder sentidos opositivos, em uma disputa de forças pelo direito de derrubar e transferir significados dentro do significante negro.

Ao reposicionar grupos africanos e afrodiáspóricos como sujeitos de seu próprio conhecimento, a partir das disputas estéticas e políticas do afrofuturismo, os mesmos rompem com a epistemologia eurocêntrica. No entanto, disputas internas pela construção de uma base epistemológica alternativa apresentam divergências. Tais divergências ou lacunas não podem ser “descartadas” e nem “arrancadas” (Edwards, 2001, p. 69), por constituírem a força crítica da diáspora. Em outras palavras, a preservação estratégica da instabilidade de um significado permite seu adiamento, mantendo-o aberto para a instrumentalização tanto do essencialismo quanto do antiessencialismo - considerando que as “essências” culturais só são retrabalhadas pelos artistas após uma releitura afrocêntrica. Nesse sentido, a crítica estável ao eurocentrismo compõe um primeiro movimento na construção conceitual do afrofuturismo, ao passo que a crítica instável ao

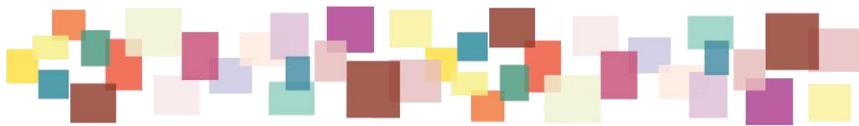


**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

afrocentrismo constitui o segundo movimento conceitual. No intervalo entre ambos os movimentos, essencialismo e antiessencialismo dialogam para sanar as diferentes demandas de representação, definidas pelas semelhanças de trajetória dos grupos, mas também, pelas particularidades das subjetividades investidas pelos sujeitos.

Portanto, afrofuturismo e afrocentrismo possuem uma relação não-necessária, pois a incorporação de referências africanas e afrodiáspóricas nas obras não obedece a qualquer padrão, e não preza pela homogeneidade, seja na direção estrategicamente essencialista, seja na direção antiessencialista. Ao invés disso, as constantes operações de hibridação abrem margem para o acionamento concomitante de ambas alternativas, fazendo da baliza estratégica em torno das “essências”, parte constitutiva do próprio antiessencialismo. Avançando, passaremos por algumas definições conceituais, a fim de demonstrar como o tempo no afrofuturismo pode ser percebido como zona de disputa epistemológica, devido ao uso da crítica ao tempo linear como meio de formulação de perspectivas alternativas à epistemologia eurocêntrica.

De modo geral, compreendemos o conceito de essencialismo como um conjunto de formas de afirmação ou de imposição de idealismos reducionistas, fetichistas ou generalistas sobre a autenticidade ou forma acabada de representações relacionadas à identidade dos sujeitos, à linguagem e ao próprio conhecimento (Hall, 2016b, p. 161). Por outro lado, o antiessencialismo se refere à quebra ou combate de essencializações sobre a forma das representações, identidades, práticas e saberes culturais, bem como, a uma crítica ou tendência a compreender os fenômenos sociais e culturais a partir da articulação entre diferenças e semelhanças (Hall, 2016b, p. 64). No afrofuturismo, o essencialismo pode ser percebido, por exemplo, no critério de autoria e protagonismo negro exclusivo, defendido por alguns dos artistas brasileiros, segundo o qual obras de arte elaboradas por pessoas não negras e que não apresentam protagonismo exclusivo negro, não podem ser consideradas afrofuturistas. O principal exemplo desta posição estrategicamente essencialista é encontrado entre escritores afrofuturistas brasileiros como Fábio Kabral e Lu Ain-Zaila – porém, artistas afrofuturistas como Kênia Freitas divergem fundamentalmente desta posição. Por outro lado, o antiessencialismo pode ser percebido na tentativa desses mesmos artistas de rasurar imagens essencializadas das



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

culturas afrodiáspóricas, pelo uso de mitologias históricas, por vezes fundadas em elementos religiosos do Candomblé, que aparecem em suas obras lado a lado com uma proposta estética híbrida, que traz consigo premissas tecnocêntricas da ficção científica, como grandes cidades futuristas, regidas por uma simbologia afroreferenciada.

Nesta discussão sobre essencialismo e antiessencialismo, procuramos levar em conta a relevância dos trabalhos de alguns autores pós-estruturalistas da Sociologia, mas também de filósofos como Ludwig Wittgenstein e Morris Weitz (Gobatto, 2020, p. 14) para pensarmos estes conceitos a partir da dimensão estética das representações culturais. Juntamente a Stuart Hall (2016a), temos, preocupados com o problema do antiessencialismo na discussão sobre culturas da diáspora africana, autores como Paul Gilroy (2012), Néstor García Canclini (2019) e Homi Bhabha (1998). Por outro lado, anteriormente já existiam debates fundamentais em torno do multiculturalismo, que enfatizam tais conceitos por um caminho estratégico, voltado às disputas internas dos movimentos sociais e à elaboração de políticas públicas que respondem aos dilemas oriundos de fluxos migratórios específicos, como no caso de Will Kymlicka (1990), Iris Marion Young (2000) e Bhikhu Parekh (2000), autores estes que podem ser agrupados em uma perspectiva generalizante do conceito de cultura (Campos, 2016, p. 268).

Partindo deste contexto teórico e conceitual, argumentamos que a concepção de tempo em jogo no afrofuturismo possui alcance epistemológico, pois a prospecção de futuros leva a reformulações no imaginário social que se apoia na temporalidade linear; e as rupturas políticas que ecoam na dimensão estética, acarretam novas reverberações epistemológicas, sintetizadas no intervalo conceitual estabelecido entre essencialismo e antiessencialismo. No afrofuturismo, o futuro é a dimensão fundamentalmente política do tempo, uma zona de disputa em que concepções generalistas das culturas negras podem ser desvendadas e desafiadas, em detrimento do enraizamento profundo que a epistemologia eurocêntrica possui dentro de sistemas de referência cultural ocidentais. Avançando, discutiremos especificidades das temporalidades afrofuturistas.

Para compreender adequadamente as temporalidades do afrofuturismo e o seu papel na construção histórica das formações culturais da diáspora africana, devemos considerar as consequências epistemológicas de diferentes conceitos de tempo, ou seja,



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

como determinado entendimento sobre o tempo apresenta implicações particulares na dimensão da produção de conhecimento. A ideia de temporalidade linear é uma das características constantes nas narrativas da modernidade ocidental (Mombaça, 2020, p. 10). A linearidade pressuposta no curso de desenvolvimento histórico do “processo civilizatório” colonial redundou em determinados modelos de sociedade e sujeito, cuja institucionalização fundamenta e naturaliza o conceito de modernização, a despeito das descontinuidades geográficas, políticas e culturais resultantes da aplicação política de um modelo epistemológico euro-estadunidense sobre regiões como a América Latina. A partir de trabalhos historiográficos hegemônicos orientados ao desejo de preservar a narrativa da modernidade, outras formas de compreender o tempo e a história foram deixadas de lado, porém, as mesmas sobreviveram através de processos de hibridação que perfuraram e subverteram a epistemologia da modernidade.

Em meio a disputas pelo redirecionamento dos usos práticos do conceito linear de tempo, há perspectivas que enfatizam o retorno constante ao passado, a relevância crítica de se pensar o futuro, e em suma, a influência mútua entre passado, presente e futuro. O afrofuturismo, além de destacar tais elementos, traz à tona a preocupação com o desenvolvimento da consciência sobre o potencial político da imaginação como ferramenta de descolonização (Imarisha, 2020, p. 256), apontando para possibilidades de projetar modificações nas narrativas históricas sobre o processo colonial por trás da fundação da modernidade, bem como, no próprio modo como entendemos o tempo e seus usos políticos possíveis. Um exemplo recente das disputas por ressignificação de símbolos históricos e dos usos práticos de um entendimento alternativo sobre o tempo inclui o processo de tombamento das estátuas de figuras coloniais, em vista do poder que as estátuas suscitam ao representar um conjunto de memórias de acordo com um enquadramento “oficial”.

Nesse sentido, o afrofuturismo nos leva a conceber temporalidades inovadoras. A partir da elaboração de projetos de futuro, ou seja, da criação de perspectivas de acesso a espaços sociais alternativos, aspectos oriundos de múltiplas epistemologias e temporalidades são rearticulados, tensionando a fronteira imaginária “dentro/fora” da modernidade, em um processo de hibridação característico da diáspora africana. Esses

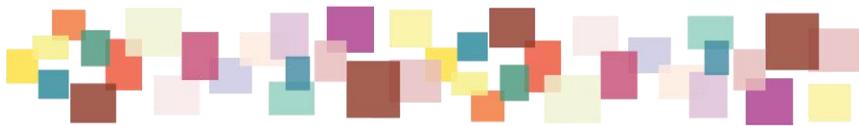


**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

contrastes podem ser percebidos na esfera estética. Obras afrofuturistas apresentam influências tanto de uma epistemologia de viés científico, inspirada pela modernidade, quanto de uma epistemologia “decolonial”, que adentra as narrativas da modernidade criticamente, instrumentalizando saberes ancestrais constantemente reelaborados por meio da hibridação cultural. No afrofuturismo, imagens de futuro podem sobreescriver o passado e imagens do passado podem transformar um futuro idealizado, como nos oxímoros simbólicos perceptíveis em nomes e em títulos afrofuturistas como *Senzala Hi-Tech* ou *O Caçador Cibernético da Rua 13*. O espaço histórico da senzala permeado por alta tecnologia e as relações entre práticas ancestrais de caça e aparatos técnicos e digitais representam a formulação híbrida de “tecnologias ancestrais”.

Isso quer dizer que as experiências sociais dos sujeitos da diáspora africana que construíram sua política, cultura e economia em relações fluídas no espaço-tempo, são representadas, no afrofuturismo, como redes de relações ambivalentes com rotas em transformação, compostas por diversos rastros, resquícios e lacunas de processos históricos, em que identidades apagadas são constantemente reescritas. Nesse sentido, os modos de vida e as visões de mundo dos sujeitos afrodiáspóricos aparecem em entrecruzamentos estéticos imprevistos do afrofuturismo, capazes de embaralhar os pressupostos epistemológicos da narrativa da modernidade e de gerar contradições subjetivas nas formas de pertencimento e identificação – geralmente causadas por um efeito de descentramento epistemológico característico entre as culturas da diáspora.

Para compreender como um entendimento assimétrico do tempo na diáspora africana pode implicar em descentramentos epistemológicos, consideremos as práticas de decolonização do saber envolvidas no afrofuturismo, em termos do direcionamento de um devir crítico, mas também criativo, para além dos horizontes de expectativa da modernidade (Burocco, 2019, p. 55). O modelo autocentrado, universalizante do saber que fundamenta a modernidade é contraposto, com o afrofuturismo, pela busca por uma reconstrução do passado e pela emancipação do futuro, isto é, pela transfiguração das possibilidades do que o presente poderia vir a ser após a reinterpretação política do significado do passado no quadro epistemológico da modernidade.



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

A ficção especulativa é um dos lastros fundamentais usados no afrofuturismo para reverter o quadro de possibilidades das indústrias de futuro (Eshun, 2015, p. 50), isto é, do aparato epistemológico voltado à conservação do entendimento convencional e estaticamente moderno de futuro. A ficção especulativa afrofuturista questiona os pressupostos de linearidade entre o modelo centrado de sujeito e saberes articulados por sujeitos afrodiáspóricos, abrindo margem para visualizar um “passado moderno” a partir da diáspora africana, ou mesmo um “futuro arcaico” a partir da modernidade. As metáforas da abdução alienígena, do apocalipse zumbi e da metamorfose do ciborgue aparecem então, na esfera estética, como ferramentas de crítica e de criação, voltadas à decomposição e à superação da epistemologia unilinear da modernidade.

Considerações finais: a imaginação como ferramenta política de agência

Apesar da repercussão crescente do afrofuturismo dentro da indústria cultural e de sua infiltração dentro dos regimes hegemônicos de representação, fatores estes que implicaram em interpretações equivocadas segundo as quais o mesmo poderia ser compreendido como a nova “moda” nas artes da diáspora, o afrofuturismo apresenta mais profundidade histórica e pertinência política do que aparenta, constituindo um arcabouço estético e filosófico que atravessa o século XX, levando à formulação de um outro imaginário, ancorado em estratégias de agência que renovaram as identidades culturais negras na contemporaneidade.

As complexas formas de articulação do afrofuturismo tensionam e exaltam as relações políticas entre a música, a literatura, o cinema e diversas outras linguagens artísticas e formas de representação, como a moda, as artes plásticas e a performance. Através de múltiplas manifestações estéticas, as estratégias criativas de agência negra no afrofuturismo tornam-se perceptíveis, à medida que as linhas de continuidade entre as experiências de luta política que as informam, levam à construção de um modelo interpretativo acerca da estrutura organizacional das artes da diáspora africana como uma comunidade transnacional, ancorada em discursos de resistência situados a partir



Em defesa do direito de imaginar: a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo

Cairo Henrique dos Santos Lima

das expectativas dos sujeitos-artistas em suas vivências locais e/ou regionais. O olhar sociológico lançado sobre o afrofuturismo se baseia em duas premissas relacionais.

Primeiramente, o afrofuturismo se estrutura a partir de uma lógica ambivalente situada entre as esferas da estética e da política, ou seja, as diferentes linguagens artísticas – sonoras, textuais, visuais, audiovisuais e/ou corporais – estão atreladas a múltiplos propósitos coletivos de disputa, por isso, o entendemos como um projeto de caráter estético-político, que interliga constructos estéticos contidos nas obras de arte com estratégias afrodiáspóricas de disputa política. Em segundo lugar, o afrofuturismo estabelece uma relação sólida entre representações culturais e experiências sociais, capaz de entrelaçar as tentativas de rearticulação simbólica do imaginário social com fundamentos subjetivos e intersubjetivos da prática artística, assim, conexões objetivas são criadas entre os regimes de representação e as experiências vividas por sujeitos e grupos afrodiáspóricos, de modo a tornar o exercício prático de agência criativa negra capaz de reverberar na dimensão do imaginário social.

Partindo destas duas premissas relacionais, as quais estruturam nosso modelo interpretativo, elaboramos um argumento conclusivo acerca do potencial crítico e criativo do afrofuturismo, a saber: *a imaginação é uma ferramenta política de agência*. Se o surgimento de políticas de transfiguração no interior do projeto afrofuturista permitiu a elaboração de meios eficazes para a satisfação de necessidades, criando condições alternativas para perseguir outros horizontes de expectativa alheios ao destino marcado para os sujeitos e grupos da diáspora negra, formula-se um percurso prático de luta mediado pelas artes da diáspora, que se estende das disputas por reconhecimento até a conquista de meios adequados de redistribuição (Fraser, 2002, p. 27; Gilroy, 2012, p. 97). Pode-se afirmar que uma das principais contribuições do afrofuturismo às artes da diáspora é, portanto, *a defesa do direito de imaginar*.

A compreensão sociológica do potencial estético e político do afrofuturismo que procuramos fornecer ao longo deste artigo, e, mais especificamente, sobre o potencial da imaginação como ferramenta política de agência no contexto das artes da diáspora africana, é relevante para os avanços teóricos, metodológicos e analíticos de pesquisas científicas na área da Sociologia em particular, e das Ciências Sociais de modo geral, por



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

estabelecer parâmetros válidos a serem rearticulados por pesquisadores insurgentes neste campo de estudos. Ademais, os prospectos sobre o afrofuturismo no Brasil e no mundo são, acadêmica e artisticamente instigantes, dialogando com uma vasta série de temas adjacentes e áreas de investigação complementares – principalmente em perfil interdisciplinar. Sem prever seus horizontes de expansão e consolidação, acreditamos que o afrofuturismo virá a se tornar – se já não pode ser considerado – uma referência significativa no desenvolvimento de projetos estético-políticos na contemporaneidade, sobretudo aqueles dedicados à ampliação das formas de agência negra em perspectiva transnacional. Do mesmo modo, novas pesquisas na área de relações étnico-raciais, Sociologia da arte, movimentos sociais, entre outras, podem de fato se beneficiar com o tipo de repertório instrumental de análise proposto. Esperamos com este trabalho, que as reflexões sobre o tempo enquanto zona de disputa política possam avançar, e que o incomensurável potencial crítico e criativo dos sujeitos afrodiáspóricos e afrofuturistas seja reconhecido derradeiramente.

Referências

- Ain-Zaila, Lu. Arquétipos afrofuturistas: as novas geografias da presença afrodiáspórica por negr@s na ficção especulativa. In: **Assimetrias e (in)visibilidades**: vigilância, gênero e raça. Salvador: VI Simpósio Internacional Lavits, p. 1-14, 2019.
- Anderson, Reynaldo. Afrofuturism 2.0 & the Speculative Art Movement: notes on a manifesto. In: **The Black Speculative Arts Movement**: black futurity, art + design. New York: Lexington Books, p. 230-238, 2016.
- Bhabha, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- Brah, Avtar. **Decolonial Imaginings**: Intersectional Conversations and Contestations. London: Goldsmiths Press, 2022.
- Burocco, Laura. Afrofuturismo e o devir negro do mundo. **Arte & Ensaios**: revista do PPGAV/EBA/UFRJ. n. 38, p. 48-59, 2019.
- Campos, Luiz Augusto. Multiculturalismos: essencialismo e antiessencialismo em Kymlicka, Young e Parekh. **Sociologias**, v. 18, n. 42, p. 266-293, 2016.



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

Canclini, Néstor García. **Culturas Híbridas:** estratégias para entrar e sair da Modernidade. São Paulo: EDUSP, 2019.

Dery, Mark. De volta para o Afruturo: entrevistas com Samuel Delany, Greg Tate e Tricia Rose. In: Amorim, Tomaz (Org.). **Ponto Virgulina #1:** Afrofuturismo, 2020a, p. 14-65.

Dery, Mark. Afrofuturismo reloaded. In: Amorim, Tomaz (Org.). **Ponto Virgulina #1:** Afrofuturismo, 2020b, p. 186-197.

Dias, Jéssica Cristina do Nascimento & Rodrigues, Márcio dos Santos. Por uma genealogia do afrofuturismo. **Kwanissa**, v. 4, n. 7, p. 271-293, 2021.

Edwards, Brent. The Uses of Diaspora. **Social Text** 66, v. 19, n. 1, p. 45-74, 2001.
Eshun, Kodwo. Mais considerações sobre afrofuturismo. In: Freitas, Kênia (Org.). **Astrofuturismo:** cinema e música em uma diáspora intergaláctica. São Paulo: 2015, p. 44-61.

Fraser, Nancy. Redistribuição ou reconhecimento? Classe e status na sociedade contemporânea. **Interseções**, v. 4, n. 1, p. 7-32, 2002.

Freitas, Kênia. Introdução. In: Freitas, Kênia (Org.). **Astrofuturismo:** cinema e música em uma diáspora intergaláctica. São Paulo: 2015, p. 5-7.

Freitas, Kênia & Messias, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Imagofagia**, n. 17, 2018.

Gilroy, Paul. **O Atlântico negro:** modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2012. Gobatto, Marco Aurélio. Morris Weitz e seu pensamento sobre teoria estética: uma influência de Wittgenstein na filosofia analítica da arte. **Kínesis**, v. 12, n. 31, p. 1-13, 2020.

Hall, Stuart. **Cultura e Representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016a.

Hall, Stuart. Culture, Resistance and Struggle. In: **Cultural Studies 1983:** a theoretical history. Duke University: 2016b, p. 180-206.

Hirano, Luis Felipe Kojima. “Branco sai, preto fica”: a crise da figura do mediador humano. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 103, p. 219-226, 2015.

Hooks, Bell. An aesthetic of blackness: strange and oppositional. **Lennox Avenue:** a journal of interarts inquiry, v. 1, p. 65-72, 2018.

Imarisha, Walidah. Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça. In: Amorim, Tomaz (Org.). **Ponto Virgulina #1:** Afrofuturismo, 2020, p. 254-263.



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

Kabral, Fábio. Afrofuturismo: ensaio sobre narrativas, definições, mitologia e heroísmo. In: Lima, Emanuel; Santos, Fernanda; Nakashima, Henry & Tedeschi, Losandro (Orgs.). **Ensaios sobre racismos**: pensamento de fronteira. Balão Editorial: 2019, p. 104-115.

Kymlicka, Will. **Contemporary political philosophy**: an introduction. Oxford and New York: Clarendon Press; Oxford University Press, 1990.

Lima, Raquel. Afrofuturismo: a construção de uma estética [artística e política] pós-abissal. In: Lisbon: **7th Afroeuropeans Network Conference**, p. 1-21, 2019.

Medeiros, Priscila Martins de. Diáspora africana e artes: os debates recentes no NEAB-UFSCar para uma nova agenda de pesquisa. In: Medeiros, Priscila Martins; Silva, Andreia Rosalina; Silva, André Pereira de; Stofel, Natalio Sevilha; Monteiro, Rosana Batista. **E agora falamos nós**: os 30 anos de história do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar. São Carlos: EdUFSCar, 2023, p. 347-367.

Mombaça, Jota. A plantação cognitiva. **MASP Afterall**: Arte e descolonização, p. 1-12, 2020.

Nelson, Alondra. Introdução a Future Text. In: Amorim, Tomaz (Org.). **Ponto Virgulina #1**: Afrofuturismo, 2020, p. 66-91.

Parekh, Bhikhu. **Rethinking Multiculturalism**: Cultural Diversity and Political Theory. Londres: Macmillan Press, 2000.

Silvério, Valter. **Agência criativa negra**: rejeições articuladas e reconfigurações do racismo. São Paulo: Intermeios, 2022.

Silvério, Valter; Hofbauer, Andreas; Kawakami, Erica Aparecida & Flor, Cauê Gomes. "Diáspora Africana": caminhando entre genealogias, abrindo novos horizontes. **Contemporânea**, v. 10, n. 3, p. 877-902, 2020.

Young, Marion. **Inclusion and democracy**. Oxford; New York: Oxford University Press, 2000.

Zeleza, Paul Tiyambe. African Diaspora. In: Horowitz, Maryanne Cline (Org.). **New Dictionary of the history of ideas**. Farmington Hill: Thomson Gale, 2005, p. 578-584.

Data de recebimento: 06/05/2025

Data de aceite: 13/07/2025

Como citar este artigo:



**Em defesa do direito de imaginar:
a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo**
Cairo Henrique dos Santos Lima

LIMA, Cairo Henrique dos Santos. Em defesa do direito de imaginar: a imaginação como ferramenta política de agência no afrofuturismo. **Áskesis**, São Carlos, v. 14, n. 2, p. 54-73, jul./dez. 2025. DOI: 10.14244/2238-3069.2025/27.